

RODRIGO LEONARDO AZEVEDO DE OLIVEIRA

**A CONSTRUÇÃO DA ARGUMENTAÇÃO NO SERMÃO DO SANTÍSSIMO
SACRAMENTO DE PADRE ANTONIO VIEIRA: METÁFORA E ALEGORIA**

Nível: Especialização

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

São Paulo

2015

RODRIGO LEONARDO AZEVEDO DE OLIVEIRA

**A CONSTRUÇÃO DA ARGUMENTAÇÃO NO SERMÃO DO SANTÍSSIMO
SACRAMENTO DE PADRE ANTONIO VIEIRA: METÁFORA E ALEGORIA**

Monografia apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), como requisito para obtenção do título de Especialista em Língua Portuguesa, sob orientação do Prof. Dr. Luis Antonio Ferreira.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

São Paulo

2015

RESUMO

A metáfora, vista sob o recorte teórico do século XVII, se estabelece nos textos de Padre Antonio Vieira como um elemento de construção discursiva, em que sua acumulação dessa figura estabelece o sentido geral do sermão. No Sermão do Santíssimo Sacramento, pregado em Santa Engrácia em 1645, essa acumulação metafórica usada para refutar os inimigos da Igreja preconiza o poder católico temporal e espiritual, em que se transforma em Alegoria da unidade Política, Retórica e Teológica das ações militantes do jesuíta.

Palavras – chave: sermão, catolicismo, contrarreforma, metáfora, alegoria, retórica, argumentação.

SUMÁRIO

Introdução	05
Capítulo I – Fundamentação teórica	07
Capítulo II – Letras seiscentistas: a concepção do texto vieiriano .	13
Capítulo III – Construção da alegoria: o sentido do Sermão	18
Conclusão	31
Bibliografia	34

Introdução

O jesuíta Padre Antonio Vieira produziu ao longo do século XVII uma série de textos sacros que se tornaram exemplos de argumentação e uso da retórica, como sermões, livros, cartas, profecias, entre outros. A força da argumentação vieiriana reside na capacidade de articular os diversos elementos discursivos – retóricos, históricos, situacionais, teológicos, poéticos – em uma unidade discursiva que coroa toda uma vida dedicada ao seu projeto político-teológico de expansão da igreja Católica e da consolidação de Portugal como reino soberano no mundo. O agir de Vieira, como orador, catequizador, escritor, diplomata, conselheiro, entre as inúmeras funções desempenhadas por ele na corte e na igreja, preconizam um projeto político vigoroso em que a retórica tem papel fundamental em sua construção.

Para poder abarcar uma obra tão vasta e complexa, se fez necessário estabelecer um recorte da obra vieiriana, em que fosse possível levantar um grande e significativo conjunto de características discursivas, a fim delimitar a análise e estabelecer pontos principais de sua técnica discursiva, com ênfase nos aspectos retóricos, relação com o contexto histórico e com o cânone e comentadores autorizados da igreja católica. Diante desse desafio, foi escolhido um texto cujo tema concentrasse os aspectos políticos-teológicos do autor e que ressaltasse as qualidades e aspectos retóricos, em especial a construção da argumentação. No âmbito da complexidade dos elementos propostos, e na visão dos tropos como elementos fundamentais na elaboração argumentativa da obra, destacou-se o papel primordial da metáfora na argumentação.

Assim, foi selecionado dentre os inúmeros escritos do jesuíta o Sermão do Santíssimo Sacramento, pregado na capela de Santa Engrácia no ano de 1645, especialmente por possibilitar a análise sob o prisma de amplo material de cunho retórico e argumentativo, bem como por conter matérias diversas temáticas para cada um dos adversários que o padre procurou refutar. Outro aspecto que motivou a escolha é a relevância ressaltada pelo próprio Vieira ao

tratar do tema Eucaristia e seus detratores, em que eleva o sacramento ao patamar mais alto dentre os dogmas católicos.

Capítulo I - Fundamentação teórica

Como fundamentação teórica, serão abordados primeiramente os aspectos linguísticos que concernem ao sermão no que diz respeito às figuras e sua função discursiva em contraponto com a mera função de ornamento; a questão das estruturas das figuras e suas funções; a construção argumentativa em torno das figuras; as funções das perguntas na argumentação; o caráter alegórico do sermão e suas relações com as metáforas.

Ao se estudar um texto cujas premissas constitutivas obedecem à retórica clássica, primeiramente é importante frisar a evolução que os estudos retóricos tiveram através de sua história. Durante muito tempo, estudiosos concentraram suas análises nas figuras, o que implicou na retórica se resumir somente a esse elemento (MOSCA, 2006). A persistência desse enfoque culmina com a atribuição pejorativa que a retórica recebe, especialmente a partir do final do século XVIII. A arte como construção de cunho individualista e que preconiza a originalidade, opõe-se radicalmente às preceptivas retóricas reguladas, regradas e normativas que caracterizam o fazer retórico desde a era clássica. O status da retórica passa, a partir do Romantismo, a decair e seu estudo passa a ser considerado apenas no aspecto de ornamento discursivo. Desconsidera-se a relação intrínseca entre os elementos retóricos e a argumentação, bem como são deixados em segundo plano as interações discursivas que as figuras conferem aos textos.

Nesse contexto, foi determinante uma nova abordagem sobre os conceitos retóricos: os estudos de Perelman e Tyteca, que analisam o tema sob o viés da argumentação em “A nova retórica”, cujo enfoque está no resgate dos conceitos aristotélicos para relacioná-los à construção argumentativa. O ouvinte terá um papel crucial para a construção retórica, pois é a partir dele que o autor irá planejar e construir seu discurso, já que “toda argumentação visa à adesão dos espíritos e, por isso mesmo, pressupõe a existência de um contato intelectual” (PERELMAN e TYTECA, 1996). Deve haver, portanto, um caráter de “apreço pela adesão” por parte do orador com relação ao seu interlocutor

(PERELMAN e TYTECA, 1996) para atingir o objetivo final retórico do discurso: a adesão do interlocutor aos argumentos apresentados, isto é, a persuasão.

Destacam-se os aspectos argumentativos das figuras de retórica entre os elementos discursivos, em que o pesquisador Meyer abordou a questão e apontou a relação existente entre os termos na formação do que conhecemos como figuras: “Não é porque dizer A é dizer B que A é B. Mas, quando podemos fazer tal afirmação, estamos lidando com o que chamamos de figura retórica” (MEYER, 2011). Podemos identificar na afirmação a relação existente entre a figura e o discurso, pois é a partir do discurso e do contexto que poderemos fazer a afirmação de que uma palavra ou locução se caracteriza como figura. Pode-se verificar um ponto de concordância dos autores contemporâneos no que concerne à persuasão como um dos elementos que caracterizam a retórica, com ênfase na necessidade de adesão dos ouvintes, e o estabelecimento da relação intencional do elocutor de atingir essa adesão. A inserção da figura como elemento persuasivo no ato elocutório, faz dela um elemento essencial para a aderência do interlocutor às ideias propostas, bem como preenche outro elemento apontado por Aristóteles no que concerne à busca do verossímil no discurso, elemento que é a chave para a persuasão.

A partir desses pressupostos é necessário introduzir os conceitos retóricos em relação ao contexto discursivo, e como as figuras se relacionam com o discurso religioso do século XVII nos sermões de Padre Antonio Vieira. Meyer estabelece o conceito de metáfora, figura que, ao lado da sinédoque, metonímia, e ironia, tiveram papel principal na retórica clássica (2013, p. 80). Pertinente ao contexto discursivo das letras Seiscentistas, podemos associar a construção de sentido no discurso por meio da figura metáfora e as noções de alegoria, conforme o estudo de Hansen sobre o tema (1986).

A figura que tem papel proeminente na construção de sentido do texto de Vieira é a metáfora, que serve de base para a proposição de argumentos e entimemas, e que se acumula semanticamente até alcançar o nível de significação geral do texto em caráter alegórico. Lausberg definiu que “A alegoria é a metáfora continuada como tropo de pensamento e consiste na

substituição do pensamento em causa por outro pensamento, que está ligado, numa relação de semelhança, a esse mesmo pensamento” (Apud. HANSEN, 1986, p. 1), o que se assemelha com os conceitos de metáfora que encontramos nos estudiosos das figuras. Perelman descreveu a metáfora “no que tange à argumentação, como uma analogia condensada, resultante da fusão de um elemento do foro com um elemento do tema”. Ele define as relações de similaridade entre A e B por suas características C e D (PERELMAN & TYTECA, 1996, p. 453). Meyer define a estrutura da figura, em particular à metáfora como “dizer A é dizer B”, por suas propriedades de similaridade x e y (MEYER, 2011, p. 78), que se aproxima da definição de Perelman. Ele explica que a metáfora não “diz, ela convida a concluir, como num entimema” (Id. p. 81). Essas definições se complementam e estabelecem os princípios de construção de sentido que serão analisadas no sermão vieiriano, e da construção alegórica do texto ¹.

A alegoria, portanto, é o ponto fundamental do discurso em torno dos sacramentos católicos, tema do sermão analisado. Importante observar que a coerência discursiva se dá através de um projeto político, teológico e retórico, no qual o jesuíta pretende estabelecer as bases do reino católico no mundo, por meio das ações da companhia militante à qual o padre pertencia. As metáforas das passagens do sermão do Santíssimo Sacramento são exemplos de como o texto vieiriano se insere nesse projeto e de como elas se interligam para alcançar de maneira alegórica o objetivo de construir um reinado Católico em sua magnitude, apoiado pela política contrarreformista portuguesa do século XVII.

Em um segundo momento do trabalho, pretende-se colocar os elementos discursivos em relação ao contexto histórico-social do século XVII, a

¹ Importante frisar as diferenças entre o conceito de alegoria na tradição clássica e a apropriação que os oradores católicos fizeram na concepção escolástica. Quintiliano pensa a alegoria como ornamentação oratória ou poética; os Padres, como revelação de Mistérios divinos (Hansen, 1986, p. 13). Essa distinção será abordada no capítulo II do presente trabalho.

relação textual com as concepções clássicas de retórica, além de inserir na análise o pensamento de alguns autores e comentadores que servem de base para a argumentação do padre (Santo Agostinho, São Tomás de Aquino, entre outros), e bem como uma fundamentação discursiva que explique a visão de mundo, com estudos contemporâneos que buscam analisar pormenorizadamente a obra do jesuíta em seu contexto discursivo.

O cuidado que se deve tomar ao abordar um texto datado é evitar a utilização de conceitos que anacronicamente atribuam sentidos diversos ao sermão sem considerar as relações temporais e históricas, como a tradição crítica muitas vezes procede. A partir do século XIX, a historiografia literária classifica os períodos estéticos em categorias de acordo com determinadas características inerentes. Conforme o estudo de Hansen [S.n.t], no início do século XX, Heinrich Wölfflin conceitua o termo “barroco” como categoria estética para classificar os estilos de pintores dos séculos XVI e XVII, e que mais tarde tornam-se paradigmas analíticos para designar as produções literárias do mesmo período. Nessa leitura, o termo wolffliano “barroco”, é uma classificação pós-iluminista e neokantina aplicada pelo autor alemão às artes plásticas dos séculos XVI e XVII. Segundo Hansen [S.n.t], essas conceituações tiveram o seguinte aspecto:

(...)ampliadas às belas letras, “literatura barroca” em programas modernistas e estudos de tropos e figuras feitos segundo a conceituação romântica de retórica como estilística restrita à elocução psicologicamente subjetivada, para em seguida classificar e unificar as políticas, as economias, as populações, as culturas, as “mentalidades” e, finalmente, sociedades européias do século XVII, principalmente as ibéricas contra-reformistas, com suas colônias americanas, na forma de essências: “o homem barroco”, “a cultura barroca”, “a sociedade barroca” etc.”(p. 17).”

Entre outras considerações, ao observar a escrita dos Sermões de Padre Antonio Vieira, um importante estudo de Alcir Pécora ressalta sua

unidade discursiva em torno do Sacramento². No sermão do Santíssimo Sacramento, Vieira estabelece o Sacramento da Eucaristia como o principal da doutrina católica, de modo que podemos tomá-lo como chave para o entendimento dos textos vieirianos. A técnica retórica utilizada pelo jesuíta retoma os conceitos clássicos, desde Aristóteles, Horácio, Cícero, adaptados à visão católica, além de cotejar com toda uma tradição de comentadores e eruditos autorizados da Igreja.

Dessa maneira, é possível analisar as figuras, em especial a metáfora, como um elemento construtivo da argumentação, de modo que a associação entre as figuras relacionadas da obra revelam o significado pretendido, e contribuem com a persuasão, objetivo primordial da retórica. A receita que Vieira utiliza para essa construção é estabelecer argumentações em torno dos denominados inimigos da Igreja, conforme a política contrarreformista portuguesa do século XVII. Como se observa no sermão, os elementos argumentativos giram em torno dos sete inimigos da Igreja, que são abordados separadamente: o judeu, o gentio, o herege, o filósofo, o político, o devoto e o Demônio, e a existência da Eucaristia, contestada por eles. A antanagoge, figura de retórica que consiste na utilização dos argumentos do próprio adversário para refutar suas acusações, é aqui utilizada como estrutura básica do sermão, de modo que se alcance uma eficácia persuasiva. Cada um dos denominados inimigos da fé católica são individualmente refutados a partir de suas escrituras, caracterizações e pensamentos.

Na concepção do sermão é igualmente importante utilizar uma estratégia argumentativa pertinente que possa aumentar o grau de eficácia do discurso. No sermão analisado, encontramos o dispositivo de pergunta/resposta como elemento que se insere na base de argumentação em diversos trechos. Meyer menciona a questão da pergunta como um deslocamento, em relação a possíveis questionamentos, e a possibilidade de ser refutado:

² PÉCORA, Alcir. *Teatro do Sacramento: A unidade Teológico- Retórico- Política dos Sermões de Antonio Vieira*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da Universidade de Campinas, 1994.

A defesa pelo viés da pergunta: o deslocamento. Para não ter de lidar com uma pergunta embaraçosa, ou que questiona os princípios fundamentais que são defendidos, o melhor é deslocar a questão, encontrando para ela um substituto que pode ser resolvido (MEYER, 1996, p. 57).

O interlocutor é um público especializado, composto pelo próprio Rei e corte, além de clérigos e a nobreza, altamente cientes do assunto proposto. Temos, portanto, uma dupla relação entre a interlocução: de um lado o público ouvinte - interlocutores propriamente ditos - e os interlocutores retóricos, - os que o orador refuta. A construção argumentativa, aliada à antanagoge, reitera o caráter combativo da retórica vieiriana. Conforme observa Meyer:

Uma técnica mais sutil, mais perversa, consiste ainda em responder qualificando a pergunta de tal modo que a resposta se impõe (MEYER, 2011).

A construção do sermão, conforme a figura da antanagoge, estabelece perguntas e respostas que estruturam a construção metafórica de sentido, sendo possível, portanto, induzir às conclusões expressas de cada passagem do texto e chegar ao sentido alegórico do sermão, que fecha o sentido geral. Antes de se analisar os pormenores dessa estrutura, é de grande valia abordar as características histórico-sociais da elaboração do texto, e ver como o texto se insere no domínio discursivo do século XVII, suas relações teológicas, e como ele se adapta às preceptivas retóricas que Vieira se baseou.

Capítulo II – Letras seiscentistas: a concepção do texto vieiriano

Toda a vida de Padre Antonio Vieira foi dedicada a uma militância jesuíta. Ele trabalhou nos mais diversos campos de ação no século XVII, como o discursivo, político, messiânico, diplomático, eclesiástico, etc. Para entender essa vasta gama de ações, atitudes e discursos de Vieira, faz-se necessário lembrar alguns aspectos da política católica contrarreformista que está presente no contexto histórico e cultural da época. Primeiramente, Vieira se dispõe como um orador autorizado e apto para operar nas mais diversas áreas da política católica, em que estabelece seu ethos de pregador. Em uma extensa análise do discurso de Vieira, Margarida Vieira Mendes identificou os aspectos do ethos do pregador jesuítico, baseado essencialmente pelos preceitos da retórica dos gregos e latinos. Na análise da pesquisadora, o discurso se funde com o contexto histórico, e a militância jesuítica de Vieira faz de o ofício de pregador uma vocação e profissão de fé (MENDES, 1989). Um segundo elemento está associado à própria questão do estado católico português, em que não há uma distinção, pelo menos não a que concebemos modernamente, com relação às áreas de atuação entre igreja e Reino. Os pensadores católicos primitivos estabelecem as bases que reiteram essa caracterização do Reino/Igreja/ Estado:

É, pois, indecorosa qualquer parte que não condiz com seu todo. Contudo, quando Deus ordena alguma coisa contra os costumes ou contra quaisquer convenções, ainda mesmo que esse preceito jamais aí se haja observado, deve restaurar-se. Se é lícito ao rei da cidade a que preside dar uma ordem que antes dele jamais alguém, nem sequer ele mesmo, prescreveu, e se o obedecer-lhe não vai contra os princípios sociais da cidade, antes é contrário a eles o desobedecer-lhe – pois a obediência aos reis é um pacto geral da sociedade humana –, com quanto maior razão se deve obedecer, sem hesitações, às ordens de Deus, rei efetivo de toda a criação? De fato, assim como nos poderes que existem na sociedade humana, o maior se impõe ao menor, para que este lhe preste obediência, assim Deus domina a todos” (SANTO AGOSTINHO, 1973, p.8).

A elaboração textual de Padre Antonio Vieira está perfeitamente ligada às concepções retóricas, teológicas e sociais do século XVII, com destaque para a reinterpretação dos autores clássicos. A escola jesuítica se caracterizou por se apropriar dos textos greco-latinos de acordo com os dogmas católicos contrarreformistas. Conforme observa Hansen:

Neste sentido piedoso, adaptou-se catolicamente o *prépon* aristotélico ou o *decorum* latino como adequação das imagens à qualidade dos lugares-comuns retóricos reinterpretados pela teologia como um *ut theologia rhetorica* (HANSEN, 2002).

A poesia clássica deveria seguir os preceitos da pintura, seus lugares comuns, conceitos e técnicas de composição; já a teologia cristã deveria obedecer às preceptivas retóricas clássicas: “A retórica, como ocorre no sermão jesuítico, passou a servir a mesma teologia como um instrumento de adequações ortodoxas: *rhetorica ancilla theologia* e, logo, *ut theologia rhetorica*” (HANSEN, 2002).

Quando se penetra no discurso do orador e se analisa o uso das figuras em Vieira, é necessário primeiramente entender a reinterpretação escolástica da ars retórica, de modo que se possa aproximar da visão de mundo do jesuíta do século XVII e chegar próximo a uma leitura histórica do texto.

O discurso católico contrarreformista não está separado da teologia católica da época, pois se baseia nela:

Reciclando a *auctoritas* de Santo Agostinho, Vieira pensa que é da divisão interior do que se sabe que nasce da visão do que se pensa e, logo, do que se expressa, segundo as ideias copresentes da Ideia do espírito. Logo, em seu discurso, a substância espiritual da alma participa do Verbo pela luz natural da Graça, onde acha o fundamento das ideias como “verbo interior” visto reminiscentemente. (HANSEN, 2002, p. 54).

Observa-se em diversos trechos da obra de Vieira essa concepção de reminiscência, através do discurso que se estabelece como prefiguração de atos, essência, ou da vida de homens, profetas, ou qualquer outro elemento canônico da igreja. Veja-se o trecho do Sermão do SS. Sacramento:

Donde é muito para notar acerca do Memoriam fecit, que quando Cristo instituiu e se deixou no Sacramento, não pediu mais que memória: In mei memoriam facietis. E por que não pediu entendimento e vontade? Cristo neste Mistério pretendia amor e fé; para o amor era necessária vontade, para a fé entendimento; pois, por que se cansa em encomendar a memória? Porque o lugar onde Cristo instituiu este Mistério era Jerusalém, e as pessoas diante de quem o instituiu, eram os judeus, e para Jerusalém e os judeus crerem e amarem este Mistério, não lhes é necessário discorrerem com o entendimento, nem aplicarem nova vontade; basta que se lembrem com a memória. (p.79)

O jesuíta se embasa em algo já prefigurado na escritura judaica e que se repete historicamente na Eucaristia, adaptada de modo a conseguir a verossimilhança retórica com o discurso católico o estabeleceu-lo como sacramento principal do dogma cristão, como o próprio autor ressalta e discorre no princípio do sermão. Ao instituir comparações metafóricas entre passado/presente/futuro, ele estabelece uma conexão que não é histórica sob o ponto de vista moderno, com as implicações do infinito suceder/ superar dos eventos em uma linha cronológica “evolutiva”, mas sim, a concepção de tempo em que os eventos se estabelecem como prefigurações, ou “pré-histórias” de algo a ser concretizado no presente ou futuro, conforme a conveniência da análise. No sermão, Moisés é o personagem bíblico que “prefigura” Cristo, pois seus atos antecipam e preparam o judeu para o advento. Diversas outras associações dessa mesma natureza são encontradas no texto e serão exploradas no capítulo III.

Vieira obedece rigorosamente à estrutura retórica aristotélica: o início é o proêmio e exposição da questão em que descreve e ratifica o Sacramento da Eucaristia por sua importância, e justamente o mais suscetível aos ataques dos

detratores. O trecho bíblico citado como recurso argumentativo para tornar a Eucaristia mais importante é o encontrado no Evangelho de João: “Pois a minha carne é verdadeiramente comida e verdadeiramente bebida”³; o advérbio latino *Vere* o coloca num patamar de altivez em relação aos outros sacramentos, mas o deixa, conforme diz, à mercê do ataque dos inimigos da Igreja dado o grau de importância que tem. Nesse mesmo proêmio também demonstra o método de argumentação, baseado no uso dos próprios argumentos dos opositores (antagoge), para entrar em cada um dos capítulos em que aplica sua técnica discursiva, o que caracteriza as provas retóricas. Após o desenvolvimento dos contrapontos direcionados a cada um dos inimigos da Igreja, o sermão encerra com um epílogo que ratifica os argumentos e conclusões.

O processo argumentativo antagógico se faz por meio das figuras de linguagem retoricamente estruturadas, em que se destaca o uso da metáfora, com o objetivo de aumentar a eficácia da persuasão, conforme Aristóteles:

“Só o termo «próprio» e «apropriado» e a metáfora são valiosos no estilo da prosa. Sinal disto é que são só estes que todos utilizam. Na verdade, todos falam por meio de metáforas e de palavras no seu sentido «próprio» e «apropriado», o que deste modo demonstra que, se se compõe correctamente, o texto resultará algo de não familiar, mas, ao mesmo tempo, será possível dissimulá-lo e resultar claro. Esta, disse, é a maior virtude do discurso retórico” (ARISTÓTELES, p.234).

Ainda sobre as preceptivas retóricas, destaca-se o fato do orador se dirigir a um público altamente especializado da corte portuguesa e clérigos, o que lhe possibilita fazer associações e estruturar seu discurso e compartilhar o saber retórico com os ouvintes. Desse modo, o embasamento argumentativo se faz por associações e interações discursivas de dados bíblicos e comentadores autorizados da igreja, estruturado de modo “decoroso”. Decoro é um operador de adequações discursivas, implicando uma regulação de trocas

³ Jo 6:55. *Bíblia de estudo Almeida*. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999. Todas demais citações pertencem a essa mesma edição.

simbólicas” (HANSEN, 2006, p. 21), ou seja, adaptado corretamente às preceptivas retóricas conhecidas e utilizadas pela comunidade:

O verossímil é o possível, efeito mimético obtido à custa de vários procedimentos técnicos. Tais procedimentos, entre outros fins, conduzem toda a gama de variedade possível da invenção, da disposição, e da elocução a uma forma de registro de um gênero, submetendo-a ao juízo da recepção” (HANSEN, 1986, p.234).

No próximo capítulo, será feita a análise de cada um dos trechos dedicados a refutar os inimigos da igreja, o que permite identificar como se opera a passagem do sentido metafórico ao alegórico da prosa vieiriana.

Capítulo III – Construção da alegoria: o sentido do Sermão

Os judeus são os primeiros a serem citados como inimigos, que remete ao próprio senso comum de denominá-los como os algozes de Cristo. Sobre a não aceitação da presença de Cristo na espécie visível da hóstia, será usado o antigo testamento da bíblia cristã como fonte de argumentos para destruir o argumento judaico, ou seja, o próprio livro sagrado judeu. Para contrapor a dúvida da presença de Cristo na hóstia, é utilizada a argumentação das figurações fantásticas do velho testamento que estariam em similitude metafórica em relação à eucaristia.

O católico, conclui, seria o ser que possui o entendimento maior e mais correto dos assuntos divinos, aquele que possui todas as qualidades necessárias para o crédito da fé católica (aqui representado na figura da Eucaristia): entendimento, vontade e memória; das quais o judeu não possuirá somente a memória, pois não acredita no sacramento autorizado pela própria escritura judaica.

O tema bíblico que ele utiliza para provar sua tese é a passagem de Aarão⁴, posto paradigmaticamente (em grau metafórico, conforme dito) em relação à eucaristia, e que ratifica a posição do pregador:

Pediram os judeus a Arão, que lhes fizesse um Deus que pudessem ver e seguir; porque entenderam que ainda que Deus era imenso e invisível, sem menoscabo de sua grandeza se podia limitar a menor esfera, e sem perigo de sua invisibilidade se podia encobrir debaixo de alguma figura, e sinal visível. E escolheram por ministro desta maravilha a Arão, que era Sacerdote, e não a outrem; porque entenderam também que ação tão sobrenatural e milagrosa, como pôr a Deus debaixo de espécies criadas, não podia competir a outro, senão ao sacerdote. Eis aqui o que os judeus pediram então, e eis aqui o que nós adoramos hoje: um Deus debaixo de espécies

⁴ Ex 32:1 [Mas vendo o povo que Moisés tardava em descer do monte, acercou-se de Arão e lhe disse: Levanta-te, faze-nos deuses que vão adiante de nós; pois quanto a esse Moisés, o homem que nos tirou do Egito, não sabemos o que lhe terá sucedido.]

visíveis, posto nelas milagrosamente por ministério dos sacerdotes (p. 76).

Essa autoridade estará de acordo com a própria condição específica estabelecida no Concílio de Trento, ou seja, o padre será o único autorizado a ler e interpretar a bíblia, a fazer uso dos comentadores autorizados da Igreja, e, por conseguinte sua palavra será estabelecida como verdade de acordo com as preceptivas católicas. A série de comparações de passagens bíblicas definem em grau metafórico os argumentos para anular a dificuldade de aceitação do judeu em relação à eucaristia: a mulher de Ló convertida em estátua⁵, a vara de Moisés convertida em serpente⁶, rio Nilo convertido em sangue⁷, estabelecem a questão da reminiscência bíblica que prefigura as ações e acontecimentos presentes:

Mas de tal modo é Mistério novo, e do Testamento Novo, que todas as suas dificuldades se creram e se tiraram no Velho. Grande dificuldade é desse Mistério, que o pão se converta em corpo de Cristo, e o vinho em seu sangue: mas se o judeu crê nas suas Escrituras, que a mulher de Loth se converteu em estátua, se crê, que a vara de Moisés se converteu em Serpente, se crê, que o Rio Nilo se converteu em sangue, que razão tem para não crer que o pão se converte em corpo de Cristo? (p. 78).

Conforme observa Hansen:

A alegorização cristã toma determinada passagem do Velho Testamento – o êxodo dos hebreus do Egito guiados por Moisés, por exemplo – e propõe, numa passagem do Novo Testamento – seja a ressurreição de Cristo – uma repetição” (HANSEN, 1986, p.4).

⁵ Gn 19:26 [E a mulher de Ló olhou para trás e ficou convertida numa estátua de sal.]

⁶ Ex 4:3 [E ele disse: lança-a na terra. Ele a lançou na terra, e tornou-se em cobra; e Moisés fugia dela.]

⁷ Ex 7:17 [Assim diz o Senhor: Nisto saberás que eu sou o Senhor: Eis que eu com esta vara, que tenho em minha mão, ferirei as águas que estão no rio, e tornar-se-ão em sangue.]

O segundo inimigo da igreja católica que o jesuíta é o gentio. Vieira busca argumentos pela razão e utiliza exemplos retirados das fábulas antigas. Através da fala do comentador autorizado pela igreja (Tertuliano), o padre mostra como as fábulas foram capazes de despertar a crença nas maravilhas, como uma espécie de base para a crença nas maravilhas divinas sob o ponto de vista católico. Aqui, como de costume, o jesuíta transita em um limiar bastante perigoso em se tratando do período da Santa Inquisição, já que a idolatria, tão condenada pela Igreja, bem como a crença na mitologia pagã é o ponto de partida para a defesa de um dogma católico:

E se os Gentios deram fé ao arremedado somente dos nossos mistérios, por que a não hão de dar ao verdadeiro deles? Se creram e adoraram os retratos, por que hão de duvidar a crença e negar a adoração aos originais? *Fideliora, magisque credendo, quorum imagines quo que filem invenerunt.* Com a sua mesma idolatria está convencendo a razão aos Gentios, para que não possam negar a fé; porque nenhuma coisa lhes propõe tão dificultosa de crer a Fé, que eles a não tenham já concedido e confessado nas suas fábulas. Daqui se entenderá a razão e Providência altíssima que Deus teve para permitir a idolatria no mundo. E qual foi? Para que a mesma idolatria abrisse o caminho à Fé; e facilitasse no entendimento dos homens a crença de tão altos e tão secretos Mistérios, como os que Deus tinha guardado para a Lei da Graça (p. 80).

Conforme comenta Pécora, Padre Antonio Vieira transita no limite da heresia, não pela dúvida ou contestação dos dogmas católicos, mas porque se apropria do vocabulário místico. Com base a autoridade da interpretação da escritura que o padre detinha, o comentador explica como ele desloca esse vocabulário místico para aproximar o divino e o humano (PÉCORA, 1994, cap. 1). As associações metafóricas contidas nesse trecho do sermão demonstram a radicalização para aproximar a fábula pagã com os dogmas cristãos:

Mas, se os Gentios criam (desfaçamos todos esses impossíveis) se os Gentios criam, que Dafne se converteu em louro, que Narciso se converteu em flor, que Níobe se converteu em mármore, Hipomenes em leão e Aretusa em fonte, que razão lhes fica para duvidar, que o pão se converte em Corpo e o vinho em sangue de Cristo? Se os

gentios criam que no corpo de Gerião havia três corpos, que razão têm para duvidar que a quantidade do Corpo de Cristo, e a quantidade do pão, sendo duas, ocupem um só lugar na mesma Hóstia? Se os Gentios criam que a espada de Aquiles feriu a Télefo, quando inimigo, e que a mesma espada o sarou depois, quando reconciliado, que razão têm para duvidar, que o mesmo Corpo de Cristo é morte para os obstinados, e vida para os arrependidos? Se os gentios criam que Hecate estava juntamente no Céu, na terra e no inferno; no céu com o nome de Lua, na terra com o nome de Diana, no inferno com o nome de Prosérpina; que razão têm para duvidar que o mesmo Cristo está no céu e na terra, e em diversos lugares dela juntamente? (p. 81).

No que diz respeito ao terceiro inimigo, o autor buscará suas provas no Antigo e Novo Testamento, dessa vez contra o herege. Dado ser uma época de grande conturbação em relação às reformas religiosas, uma das teses mais difundidas pelos reformados é justamente a negação da Eucaristia, uma das diferenças, mais relevantes entre o catolicismo e o protestantismo. O discurso se baseia em analogias entre as escrituras e a eucaristia, que estabelece a relação através de exemplos por similitude.

É possível identificar o processo de acumulação metafórica textual, característico do sermão: a hóstia, em relação ao corpo, e o vinho, em relação ao sangue de Cristo, remetem-se às passagens ou “maravilhas” divinas que já ocorreram no passado, como reminiscência. Assim, cada exemplo metafórico se relaciona com a Eucaristia conforme as categorias aristotélicas: a vara de Moisés está em relação paradigmática com a serpente⁸ na categoria substância; a lua e sol poderão ser comparados ao sacramento conforme a relação de lugar; água em vinho convertido se torna comparativo a categoria de substância; homem e anjo pela relação de substância (terrena/ divina) e cordeiro em relação à vide.

Vieira descreve o processo metafórico de significação, na qual há o objeto em si, sua relação do significante/ significado que permite ser substituído

⁸ Cf. n. 6

metaforicamente pelo seu termo devido à similitude da aparência, ou pela relação temporal:

A hóstia consagrada, que agora é corpo de Cristo, tinha sido pão; e para a hóstia, que é corpo de Cristo, se chamar pão, basta que tenha sido pão, ainda que seja corpo de Cristo. De sorte que, sem ser pão, se pode chamar pão, não porque o é, senão porque o foi. Da mesma maneira se chama pão, não porque o é, senão porque o parece. (p.85)

O orador prossegue essa “teorização⁹” da metáfora para aplicá-la em sua argumentação:

Entre o sentido verdadeiro e o metafórico há esta diferença: que o sentido metafórico significa somente semelhança; o verdadeiro significa realidade (p.86).

A exemplificação de suas definições de metáfora se dá através da descrição dos dois hereges mais notórios da época, Lutero e Calvino, em que os compara a “serpentes”, “lobos do rebanho” e “pestes do mundo” (p.86). Para fechar sua argumentação, o orador retoma metáforas bíblicas para estabelecer as comparações a Cristo: pedra, em cuja fenda existe a fonte que alimenta e sacia os cristãos; cordeiro, cujos sacrifícios nos antigos ritos judaicos fazem alusão ao sacrifício na cruz; e vide, quanto à característica da planta que não dar frutos se separada da vara, em que não haverá os resultados da fé cristã com a separação de Cristo da Igreja. Essa última metáfora é o fechamento do argumento, em que coloca os hereges como os responsáveis por essa tentativa de separação vide/ Cristo X Vara/ Igreja, que destruiria as bases do cristianismo:

Chama o Batista a Cristo Cordeiro, porque assim como na Lei antiga se sacrificavam cordeiros para aplacar a Deus ofendido, assim Cristo, figurado neles, se sacrificou na cruz pelos pecados do mundo. E chama-se finalmente o mesmo Cristo vide, porque assim como a vara

⁹As definições se assemelham às encontradas nos autores utilizados no capítulo I (p. 3).

cortada ou separada da vide não pode dar fruto, assim os que se separam de Cristo e de sua Igreja, como os Hereges, não podem fazer obra boa nem meritória. Deste modo é Cristo Pedra, é Cordeiro, é Vide; mas não por realidade, senão por semelhança: e não em sentido verdadeiro, senão no metafórico. Porém, quando o mesmo Senhor fala de seu Corpo e de seu Sangue, como o Corpo e sangue de sua Sagrada Humanidade era verdadeiro corpo e verdadeiro sangue, e não metafórico, também o sentido em que fala não pode ser metafórico, senão verdadeiro (p. 86).

A metáfora, não é somente utilizada aqui como um recurso discursivo simplesmente linguístico, mas como uma associação sígnica de elementos divinizados: da parte das escrituras consideradas sagradas o elemento divinal já está mais do que estabelecido enquanto a relação da palavra do orador se diviniza através da crença de uma imanência divina¹⁰, em que o ato elocutório é uma substancialização da vontade divina. Como observa Hansen:

(...) o discurso de Vieira dispõe-se como relação contínua de duas grandes redes metafóricas: a das metáforas que interpretam a natureza analógica de sons e letras sensíveis e das metáforas que interpretam a natureza analógica de significações inteligíveis reveladas proporcionalmente nelas. (...) é equivocada a suposição de que suas metáforas têm autonomia estética da figuração modernista, uma vez que a unidade nelas pressuposta como Causa Primeira captura toda proliferação, toda multiplicidade, todo acúmulo e todo duplo como uma experiência combinatória e ordenada de seus efeitos (HANSEN, 1994, p. 25).

O próximo a ser combatido no sermão é o filósofo, descrito pela sua “tão cega presunção”. As três razões filosóficas que o padre refuta estão baseadas na natureza das coisas: primeiramente são imutáveis, em segundo lugar suas

¹⁰ Lembrando o texto de Agostinho, em que o mesmo busca demonstrar essa imanência ao seu discípulo Aeodato: “creio teres caído na conta de que, embora alguém pretenda que ao pensarmos as palavras, falamos interiormente na nossa alma, apesar de não emitirmos som algum, -- ainda nesse caso não fazemos mais que rememorar, pois a memória, a que estão inerentes às palavras, revolvendo-as faz vir ao espírito as próprias coisas, de que as palavras são sinais”(1973, p. 324).

propriedades de divisibilidade não podem ser invertidas ou trocadas (parte no lugar do todo) e, por fim, seu entendimento deve ser guiado pelos sentidos:

O Filósofo (...) cuida que tem fortíssimos argumentos contra este mistério; e diz que não pode ser verdadeiro por muitos princípios. Primeiro: porque as naturezas e substâncias das coisas são imudáveis: logo o que era substância de pão, não se pode converter em substância de Cristo. Segundo: porque o todo é maior que a parte, e a parte menor que o todo: logo, se todo Cristo está em toda a Hóstia, todo Cristo não pode estar em qualquer parte dela. Terceiro: porque o entendimento deve julgar conforme as espécies dos sentidos, que são as portas de todo o conhecimento humano: os sentidos cheiram, gostam, e apalpam pão, logo pão é, e não corpo de Cristo o que está naquela Hóstia (p.87).

A metáfora da natureza compara o fazer miraculoso de Cristo em relação ao “fazer” natural fisiológico e ressalta um dos argumentos centrais da proposição do padre: o milagre, feito imediatamente com a mesma conversão de pão em carne e caracterizado por seu processo mais lento de conversão, obedece à categoria aristotélica de tempo. Em seguida as metáforas utilizadas visam dar o sentido da multiplicidade:

Tome o Filósofo nas mãos um espelho de cristal, veja-se nele, e verá uma só figura. Quebre logo esse espelho, e que verá? Verá tantas vezes multiplicada a mesma figura, quantas são as partes do cristal: e tão inteira e perfeita nas partes grandes e maiores, como nas pequenas, como nas menores, como nas mínimas. Pois assim como um cristal inteiro é um só espelho, e dividido são muitos espelhos; assim aquele Círculo branco de pão, inteiro é uma só Hóstia, e partido são muitas Hóstias (p. 88).

No exemplo do espelho, ele descreve como a mesma imagem pode se multiplicar em inúmeras outras e compara seu efeito como na passagem bíblica da multiplicação dos pães (Mt 14:19). Trata-se de uma argumentação que igualmente remete aos comentadores autorizados católicos, como se pode identificar em Santo Agostinho, que observou: “é indecorosa qualquer parte que não condiz com seu todo” (1973 p. 8); ao se referir aos poderes divinos e

terrenos dentro de uma unidade e coerência; e igualmente a S. Tomás de Aquino, quando expõe em seu *Compêndio de Teologia* sobre a unidade de Deus na Trindade. Diante disso, vê-se que o pensamento do jesuíta obedece a um princípio comum de referências e alusões, mesmo tratando de diversas espécies de assuntos.

Ao se referir ao terceiro motivo do filósofo para contestar a eucaristia, Vieira novamente recorre a uma citação bíblica¹¹, dessa vez relacionada aos sentidos: o Mistério da eucaristia se estabelece em grau metafórico com sua hóstia para ser mais crível, em que uma espécie visível é o elemento que facilitará a verossimilhança do Mistério, o que caracteriza a argumentação pelo seu elemento retórico e ao mesmo tempo natural.

E para entender semelhantes maravilhas são necessárias duas revelações: uma revelação nas maravilhas, para que o entendimento as conheça, outra revelação nos olhos, para que a vista as não contradiga. Mas esta segunda revelação não é necessário que a faça Deus, basta que a faça a razão. Se a vista se engana nas obras da Natureza, nas que são sobre a Natureza, como se não há de enganar? E se em um arco de luz e nuvem assim erram e desatinam os olhos, em um círculo de nuvem sem luz, que crédito lhes há de dar? (p. 89-90).

O Demônio, contestador da verdade divina por excelência, será o objeto do argumento da parte VI do sermão, com o emprego do conhecimento bíblico da história do demônio como base argumentativa: a Eucaristia é, conforme o dogma católico, uma participação dos homens na condição Divina por meio da comunhão. A expulsão do Demônio se deu justamente pelo desejo do mesmo em ser igual a Deus¹², o que colocaria em similaridade com a comunhão:

¹¹ Sl 119:18 [Desvenda os meus olhos, para que veja as maravilhas da tua lei].

¹² Is 14: 12-14 [Como caíste do céu, ó estrela da manhã, filha da alva! Como foste lançado por terra, tu que debilitavas as nações! Tu dizias no teu coração: Eu subirei ao céu; acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono e no monte da congregação me assentarei, nas extremidades do Norte; subirei acima das alturas das nuvens, e serei semelhante ao Altíssimo]. Trata-se da visão católica da origem do Demônio, em que a “estrela da manhã” (Vênus) foi traduzida e interpretada como Lúcifer.

Se os homens comungaram a Cristo no Sacramento, foram como Deus: os homens não podem ser como Deus, logo não comungam a Cristo no Sacramento. A consequência (diz o Diabo) é tão evidente como minha: a suposição não a podem negar os homens, porque é sua. Se os homens comungaram a Cristo, foram como Deus; o mesmo Texto o diz: *In me manet, et ego in illo*. E que os homens não possam ser como Deus, eu o digo e eu o padeço, diz o Demônio: que se eu não intentara no céu ser como Deus, não pagara hoje este impossível, como o estou pagando (p. 90).

Em contraposição, o padre estabelece um argumento novamente bastante ousado ao colocar o Diabo como primeiro “inventor da traça ou do desenho do Mistério da Eucaristia” (p. 91). Ao tentar Eva no paraíso (Gn. 3:5), ele teria feito com mentira o que Deus faria mais tarde com a verdade, assim o Criador venceu o Diabo por instaurar uma verdade e desautorizar a mentira do mesmo.

O que Cristo nos concedeu neste mistério é o que o Diabo nos prometeu no Paraíso. Fez Cristo verdadeira a mentira do Diabo, para desta maneira o vencer a ele e nos desafrontar a nós. Naquele encontro do Paraíso ficou o Demônio vencedor, e o homem afrontado: vencedor o Demônio porque enganou: afrontado o homem porque ficou enganado, despojado, perdido (p. 91).

Aqui a metáfora escolhida é a do pomo do paraíso em relação à hóstia sagrada, que ratifica a razão do Mistério e obedece ao mesmo princípio retórico do ethos do orador e da autoridade do padre ao instaurar esse tipo de argumento:

Pois que remédio para desafrontar o homem e o vingar do Demônio? O remédio foi fazer Cristo da sua promessa dádiva, e da sua tentação Sacramento: e assim o fez. Da promessa do demônio fez dádiva, porque nos deu a comer a Divindade que ele nos prometera comendo; e fez da sua tentação Sacramento, porque consagrou debaixo das espécies de pão o que ele fingira debaixo das aparências do pomo. De sorte que o Demônio ficou vencido, porque a sua mentira ficou verdade, e o homem desafrontado, porque o seu engano ficou Fé (p.91).

A respeito do devoto, o contraponto será composto por um raciocínio estritamente dialético, cujos entimemas são buscados na escritura. A contestação do mistério pelo devoto está justamente na sua religiosidade exacerbada, o que não o permite chegar a um raciocínio sobre a maravilha: ele crê que Cristo não teria permanecido entre nós na espécie da hóstia, pois não causaria satisfação ao devoto apenas estar encoberto no pão. Nas palavras de Vieira, o argumento do devoto:

a minha Fé com os olhos fechados crê firmemente, Senhor, que estais nesse Sacramento, mas o meu amor com os olhos abertos não pode entender nem penetrar, como seja possível esta verdade? Se, partindo-vos da terra, quisestes ficar na terra, foi para satisfação do vosso amor, e para alívio do nosso; para crédito de vossas finezas, e para remédio de nossas saudades (p. 92).

A metáfora que reitera o argumento de Vieira sobre o devoto é a da parede/ janela/ gelosia, para ilustrar a questão da aparência ausência do corpo de cristo na hóstia:

Havia sim (entre vós e a Alma vossa querida) uma parede; mas com a parede ser sua, havia nela uma gelosia vossa por onde a véis, e por onde vos via. Para não podermos ver vossa divindade é nossa a parede deste corpo, mas para não vermos vossa Humanidade, vossa é a parede desses acidentes (p. 92).

A sensação visível daria pleno conforto aos cristãos, enquanto a ocultação traria desejos e deixaria o devoto infeliz. O raciocínio para contestar o argumento inicia-se pela afirmação contida na escritura: São Paulo, que deseja se desatar de seu corpo para estar com Cristo¹³:

Pois (dificulto agora e parece que apertadamente) se as Almas que estão vendo a Cristo desejam unir-se a seus corpos, por que diz a alma de S. Paulo que desejara desatar-se de seu corpo para ir ver a

¹³ Fl 1:23 [Ora, de um e outro lado, estou constringido tendo o desejo de partir e estar com Cristo, o que é incomparavelmente melhor].

Cristo: *Desiderium habens dissolvi et esse cum Christo?* A razão é porque Cristo em respeito das Almas dos Bem-Aventurados é gozado por vista, e em respeito da alma de S. Paulo era desejado por saudades: e o amor de Cristo desejado por saudades, é muito mais eficaz nesta parte, ou mais afetuoso, ou mais impaciente que o mesmo amor de Cristo gozado por vista. Cristo, gozado por vista, ainda deixa amor a uma alma para desejar unir-se a seu corpo: mas Cristo, desejado por saudades, até a união de seu próprio corpo lhe faz aborrecível: *Desiderium habens dissolvi et esse cum Christo*. E como a Cristo lhe vai melhor com as nossas saudades, que com os nossos olhos, por isso se quis deixar em disfarce de desejado, e não em trajos de visto (p. 93).

Conforme o jesuíta, o Devoto que vê Cristo teria o desejo de unir-se a seu corpo, porém, é mais fino e verdadeiro o amor o qual foi escolhido, em vez de desejado. Nota-se que se trata de um argumento que se fixa numa oposição dialética entre o argumento do devoto e a do padre.

É sabido da propensão dos escolásticos de utilizar referências greco-latinas em seu discurso, Vieira, assim como fizera com o uso das fábulas na argumentação contra os gentios, utiliza a referência ao amor platônico do diálogo Socrático do Banquete. Desse modo, a argumentação se fundamenta na questão da fineza do amor a Cristo, que é maior e mais refinado quando da ausência do ser amado:

E sendo que o maior conhecimento é causa do maior amor, amam os homens mais finamente a Cristo desejado por saudades, do que gozado por vista (p. 91).

No diálogo platônico identifica-se a possibilidade da transcendência ao proceder de acordo com a essência divina do amor:

Que ideia faríamos, continuou, da ventura de quem se elevasse até essa visão do Belo em si mesmo, simples, puro e sem mistura, e contemplasse não a beleza maculada pela carne, por cores e mil outras futilidades percíveis, porém a Beleza divina em si mesma, sob sua forma inconfundível? (...) Não compreendes, acrescentou,

que é somente nesse estado, quando contempla o Belo com o órgão que o deixa visível, que ele fica em condições de gerar, porém não simulacros de virtude, porque seu olhar não pousa em simulacros, mas a própria realidade? Ora, quem gera e alimenta a verdadeira virtude é que merece ser querido dos deuses, e se for dado ao homem ficar imortal, torna-se imortal ele também (PLATÃO, 2001, p. 77).

Como último inimigo é tomado o político, que tem papel fundamental para o fechamento do sermão. O orador discorre sobre a posição do político em considerar o poder secular acima dos poderes divinos. A tese aqui rebatida é exatamente a dos maquiavélicos, que consideram o poder terreno como separado do poder divino, inconcebível para a visão do padre.

O poder terreno, no pensamento de Vieira, está em consonância com uma ordem geral e imutável acima de qualquer tipo contestação. O sermão como um todo refuta toda e qualquer possibilidade de descrença ou ataque à igreja: é um instrumento igualmente teológico, retórico e político, já que une conceitos distintos por interseção da força divina: Vieira, portanto, demonstra sua força discursiva fortalecido pelos argumentos das escrituras e pela Graça. Ao tecer seus raciocínios, por vezes radicais e ousados, pode transitar na fronteira da heresia, já que a verdade da sua palavra e a nobreza de seu fim estará acima de qualquer outro questionamento.

O reino de Portugal para o jesuíta seria um poderoso instrumento da vontade de Deus: a nação escolhida para reinar sobre os povos de acordo com o plano divino. A coroa portuguesa estaria em comunhão com a substância divina na forma de um reino católico que por sua vez, terá a missão divina de ordenar e reger o mundo, pois possui como predicativo a essência metafísica para sua supremacia em detrimento da tese maquiavélica de que o poder e a religião estariam necessariamente divididos. Na leitura dos textos das autoridades católicas em voga na época fica clara a impossibilidade dessa separação, pois o reino seria uma parte do Todo divino, predicado dessa essência. Por ter a essência em Deus, não poderá ser contraditório em relação a Ele: o Rei governa por “direito” divino; os súditos se subordinam a esse Poder

pela mesma essência. Dessa forma, parte e todo estariam em uma mesma comunhão hierárquica e indissolúvel que traria as benesses da transcendência:

As majestades e altezas do mundo, os grandes, os títulos, os prelados, as religiões, todos prostrados por terra, todos servindo de joelhos, todos confessando-se por escravos humildes, e adorando como a supremo Senhor, aquela soberana majestade, sempre venerável e sempre veneranda, mas muito mais quando ofendida” (p. 94).

Conclusão

Tendo em vista que cada parte do sermão se estrutura primordialmente em torno da metáfora e se baseia nas preceptivas retóricas, é possível identificar a coesão estrutural, e coerência temática e discursiva do texto em torno do projeto político e teológico cristão. A acumulação metafórica remete a um sentido maior, que permeia a obra: a ratificação do mais importante sacramento católico e da ordem política portuguesa, em torno da ação da Igreja. Aqui o autor edifica a metáfora fundamental do texto que sela o sentido alegórico do sermão, que é o Templo cristão, na figura da Eucaristia:

Os tempos parece que estão pedindo que se edifiquem antes muros e castelos, que templos, mas esse privilégio têm nomeadamente os templos do Santíssimo Sacramento, que são as melhores fortificações dos reinos. Edificou a divina Sabedoria um templo: Sapientia aedificavit sibi domam. Dedicou este templo ao Santíssimo Sacramento: Miscuit vinum, et proposuit mensam. E que se seguiu daqui? Misit ancillas suas ut vocarent ad arcem et ad moeria civitatis. Os que serviam naquele templo, como os que servem neste, era com nome de escravos, e esses escravos mandou o Senhor que chamassem para a fortaleza e para os muros da cidade (p. 96).

A injúria de Cristo se configura como a metáfora da construção dos muros do Templo e da necessidade de o católico contrarreformado defender e expandir esses muros para além de seu castelo. Diante disso, fecha-se a argumentação do padre na defesa de toda política contrarreformista católica, com a coroa portuguesa como protagonista desse projeto na ação de expansão de territórios, no combate a heresias, na atuação diplomática, no trato comercial, no escravismo, na catequização indígena, ou seja, em todos os aspectos que Vieira trabalhou em vida.

O orador conclui suas proposições por meio de um discurso coeso, em que as comparações metafóricas extraídas das escrituras e autoridades católicas se corroboram e completam por terem igualmente uma essência

comum. Conforme analisado, a acumulação metafórica remete ao sentido geral do sermão, que se torna uma alegoria do “Corpo místico” católico e de sua relação política, teológica e retórica da igreja católica contrarreformista. A igreja militante que Vieira participa tem por missão formar o reino cristão e católico prometido nas escrituras e deve banir qualquer inimigo. Conforme as palavras de Tomás de Aquino:

É difícil refutar todos os erros, e isto por duas razões. A primeira está em que as afirmações sacrílegas de cada um daqueles que caíram no erro não são conhecidas a tal ponto que possamos extrair delas argumentos para confundi-los. Aliás, era assim que procediam os antigos doutores para destruir os erros dos pagãos, cujas posições podiam conhecer, ou porque eles mesmos haviam sido pagãos, ou porque pelo menos viviam entre os pagãos e conheciam os seus ensinamentos. A Segunda razão que nos impede de refutar todos os erros contrários à fé católica é que alguns dos autores desses erros, como os maometanos e os pagãos, não concordam conosco no reconhecimento da autoridade das Sagradas Escrituras, mediante as quais poderíamos convencê-los, ao passo que, com respeito aos judeus, podemos discutir à base do Antigo Testamento, e, com respeito aos cristãos, podemos discutir com bases nos escritos do Novo Testamento. Assim sendo, somos obrigados a recorrer à razão natural, à qual todos devem necessariamente aderir. Acontece, porém, que a razão natural pode enganar-se nas coisas de Deus (AQUINO, 2000).

O que o orador faz quando rebate os argumentos dos inimigos da igreja com base nos seus próprios discursos é não somente ratificar a verdade católica, mas também colocar sua autoridade como orador e como sacerdote autorizado e capaz de alcançar a verdade divina e, sob a luz da retórica, adaptar seu uso teológico/ católico. Padre Antonio Vieira utiliza a retórica como arma catolicamente adaptada contra os inimigos da Igreja, já que é por meio dela que poderá estruturar seus argumentos, todos de naturezas bem diversa como foi observado, mas capaz de demonstrar uma unidade essencial. Ainda a respeito disso, observa Hansen:

Quando se determina historicamente a representação colonial, ficam evidentes nela as técnicas retóricas aplicadas como racionalidade não psicológica que figura os efeitos de sentido para a recepção segundo orientações pragmáticas diversas. Os estilos das representações formalizam posições hierárquicas a partir das quais os efeitos se tornam adequados aos temas tratados e circunstâncias contemporâneas do seu consumo, podendo-se afirmar que o decoro retórico-poético que as regula também é decoro ético-político que ordena as posições hierárquicas representadas e suas recepções” (HANSEN, 2001).

Diante dessa argumentação, é possível observar a predileção do jesuíta pela metáfora como estratégia argumentativa e o estabelecimento da relação alegórica através da acumulação dessas mesmas metáforas. A estrutura comparativa da metáfora se estabelece pela reminiscência das prefigurações de fábulas, textos de autoridades em teologia católica e episódios bíblicos, alçados a categoria dos elementos argumentativos que servem de base ao discurso do jesuíta. As figuras se tornam, desse modo, um poderoso alicerce da persuasão e não simplesmente um ornamento discursivo.

Vieira, por se dirigir a um público especializado e capaz de acompanhá-lo no complexo percurso do raciocínio visa provocar a adesão desse público ao dogma da Eucaristia pela alegoria, que é a política contrarreformista: o Templo cristão da Eucaristia é o Templo português do reino católico que está predestinado a controlar e expandir a fé cristã por todo o globo e combater os inimigos. O Sacramento da Eucaristia é a edificação e base para o domínio português, em que passado, presente e futuro estão em consonância de significação.

Bibliografia

AQUINO, Tomás de. *Coleção os Pensadores*. Trad. Alexandre Correia. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

ARISTÓTELES. *Retórica*. Lisboa: Imprensa nacional – Casa da Moeda, 2005.

BARROS, José D'Assunção. *Estilo Renascentista e Barroco - Um Paralelo Comparativo*. Rio de Janeiro: Clube de Ideias Comunicação e Sistemas Ltda., 2004. Disponível em: <http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art_.asp?id=3303>. Acesso em 21/05/2014.

Bíblia de estudo Almeida. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

COHEN, Jean, et. alli. *Pesquisas de retórica*. Petrópolis: Vozes, 1975.

FERREIRA, Luiz Antonio. A. *Leitura e Persuasão – Princípios de análise retórica*. São Paulo: Contexto, 2010.

FIORIN, José Luiz. *Figuras de retórica*. São Paulo: Contexto, 2014.

HANSEN, João Adolfo. *Agudezas seiscentistas*. Letras (Santa Maria), Santa Maria- RS, v. 24, p. 57-72, 2002.

_____. *Alegoria - Construção e Interpretação da Metáfora*. São Paulo: Atual, 1986.

_____. Barroco, Neobarroco e Outras Ruínas. In: *Teresa (USP) Revista de Literatura Brasileira*, São Paulo, v. 2, p. 10-66, 2001.

_____. *Juízo e engenho em preceptivas poéticas do século XVII*. [S.n.t.].

_____. *Retórica da Agudeza*. Letras Clássicas (USP), São Paulo, v. 4, p. 317-342, 2002.

_____ & Pécora. *Letras seiscentistas na Bahia*. [S.n.t.].

_____ Vieira e os estilos cultos: UT Theologia Rhetorica. In: *Rivista di Studi Portoghesi e Brasiliani*. 4ª edição. Pisa-Roma: Instituti Editoriali e Poligrafici Internazionali, 2002.

MENDES, Margarida Vieira. *A oratória barroca de Vieira*. Lisboa: Editorial Caminho, 1989.

MEYER, Michel. *A retórica*. São Paulo: Ática, 2011.

MORSE, Richard M. *O espelho do próspero: Cultura e ideias nas Américas*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras.

MOSCA, Lineide. A atualidade da Retórica e seus estudos: encontros e desencontros. In: *Actas I Congresso virtual da Universidade de Lisboa, 2006*, Lisboa. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/linei_002.pdf>. Acesso em: 05/09/2013.

PÉCORA, Alcir. *Teatro do Sacramento: A unidade Teológico- Retórico- Política dos Sermões de Antonio Vieira*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da Universidade de Campinas, 1994.

PERELMAN, Chaïm, OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da Argumentação - A Nova Retórica*. Trad. de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1996 (trad., Paris: PUF, 1958).

PLATÃO. *O Banquete – Apologia de Sócrates*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 2. ed. Belém: EDUFPA, 2001.

SANTO AGOSTINHO. *Confissões* (Série Os pensadores). Tradução de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. & *De Magistro*. Tradução de Angelo Ricci. São Paulo: Editora Abril, 1973.

VIEIRA, Antônio. *Sermões: Padre Antônio Viera* - Organização e introdução de Alcir Pécora. São Paulo: Hedra, 2000.

_____, *Sermoens*. Lisboa: 1679. Edição Fac-símile digitalizada. Disponível em: <<http://purl.pt/index/geral/aut/PT/21890.html>>. Data de acesso: 07/05/2014.

WÖLFFLIN, Heinrich. *Renascença e Barroco: estudo sobre a essência do estilo barroco e sua origem na Itália*. Trad. de Mary Amazonas Leite de Barros e Antonio Steffen. 2. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.